

**AGÊNCIA
UMA DÉCADA
EM CURTAS**

Agência, Uma Década Em Curtas

Coordenação

Daniel Ribas, Miguel Dias

Colaboração

Dario Oliveira

Textos

Miguel Dias, Augusto M. Seabra, Daniel Ribas, Davide Freitas

Entrevistas

Daniel Ribas, Sérgio C. Andrade, Manuel Halpern, João Lopes, Rui Xavier

Captação de imagem e som

André Santos, Marco Leão

Transcrições

Daniel Ribas, Paulo Pinto

Bio-filmografias, pesquisa e selecção de imagens

Salette Ramalho

Design Gráfico

Helder Luís / NOTYPE

Impressão

Tipografia Minerva

Depósito Legal

309218/10

ISBN

978-972-98574-2-3

Edição

Curtas Metragens CRL
Auditório Municipal – Praça da República
4480 – 715 Vila do Conde

Agradecimentos:

Abi Feijó, António Gaio, Augusto M. Seabra, Aya Koretzky, Cláudia Varejão, Fabienne Martinot, Fátima Correia, François Bonenfant, Georges Bollon, Helvécio Marins, Joana Linda, João Figueiras, João Garção Borges, João Lopes, João Nicolau, João Salaviza, José Miguel Ribeiro, Luis da Matta Almeida, Luis Urbano, Manuel Halpern, Manuel Mozos, Marco Veríssimo, Miguel Gomes, Miguel Valverde, Pedro Caldas, Regina Pessoa, Rui Pedro Tendinha, Rui Xavier, Sérgio C. Andrade, Verena Niepoort

Pela cedência das imagens de filmes, agradecemos às produtoras Black Maria (“China, China”, “Paisagem Urbana Com Rapariga e Avião”), Ciclope Filmes (“História Trágica Com Final Feliz”, “Kali – O Pequeno Vampiro”), Filmes do Tejo II (“Arena”, “Um Dia Frio”), Filmógrafo (“A Noite”, “Os Salteadores”), O Som e a Fúria (“31”, “A Cara Que Mereces”, “A Rapariga da Mão Morta”, “Aquele Querido Mês de Agosto”, “Canção de Amor e Saúde”, “Cântico das Criaturas”, “Corpo e Meio”, “Entretanto”, “Inventário de Natal”, “Rapace”), Luz e Sombra (“3 Postais da Etiópia (+3)”, “Boris e Jeremias”, “Da Minha Janela”, “É Só Um Minuto”, “Europa 2007”, “O Pedido de Emprego”, “Um Roupão Vermelho-Sangue”), Rosa Filmes (“Morrer Como Um Homem”), Zeppelin Filmes (“Passeio de Domingo”), à Fundação Calouste Gulbenkian (“Fim-de-Semana”, “Superfície”) e aos realizadores Gabriel Abrantes (“Too Many Daddies, Mommies and Babies”), Rodrigo Areias (“Corrente”) e Zepe (“Stuart”).

- 4 **Uma Década em Curtas, Balanço e Interrogações**
Miguel Dias
- 8 **Uma Década de Consagração, Visibilidade e Interrogações**
Augusto M. Seabra
- 00 **Conversas com realizadores**
- 00 O Território dos Afectos
Rui Xavier à conversa com Cláudia Varejão
- 00 A menina que tinha medo do escuro, o tio Tomás,
"A Quimera do Ouro" e o sonho com o Óscar
Entrevista de Sérgio C. Andrade a Regina Pessoa
- 00 A Fantasia do Cinema
Conversa entre João Nicolau e Miguel Gomes,
moderada por Daniel Ribas
- 00 Nas Curtas Pode-se Falhar
Entrevista de Manuel Halpern a Pedro Caldas
- 00 Na Arena do Realismo (3 Cenas)
Conversa entre João Lopes e João Salaviza
- 00 Retrato de família
Entrevista de Daniel Ribas a Alberto Seixas Santos
- 00 Título da Conversa
Entrevista de Daniel Ribas a Sandro Aguilar
- 00 **O Futuro Próximo**
Daniel Ribas
- 00 **A Curta Década da Agência**
Davide Freitas
- 00 **Questões e Uma Base de Reflexão**
- 00 Abi Feijó
- 00 António Gaio
- 00 Dario Oliveira
- 00 François Bonenfant
- 00 Georges Bollon
- 00 Helvécio Marins
- 00 João Garção Borges
- 00 João Lopes
- 00 José Miguel Ribeiro
- 00 Manuel Halpern
- 00 Manuel Mozos
- 00 Miguel Valverde
- 00 Rui Pedro Tendinha

10

UMA DÉCADA EM CURTAS, BALANÇO E INTERRO- GAÇÕES

MIGUEL DIAS

AGÊNCIA - UMA DÉCADA EM CURTAS

Em 2009 a Agência da Curta Metragem completou uma década de actividade. Retrocedendo até à sua génese, fica claro que a Agência surgiu na hora e no local certos. Foi no seio do Festival de Vila do Conde e tirando partido da sua vocação, estrutura preexistente, rede de contactos privilegiada e experiências bem sucedidas de internacionalização, que se propôs avançar, em 1999, para a criação de um organismo que pudesse preencher a lacuna de promoção e divulgação da curta-metragem portuguesa a nível internacional, uma vez que não existia nenhuma entidade com essa atribuição específica, e que a sua quantidade e qualidade, a par do interesse manifestado pelos parceiros internacionais, começava a justificar.

Esse aumento da produção em Portugal - e a qualidade daí resultante -, a par com a determinação por parte do Instituto do Cinema e Audiovisual em implementar uma política de apoio à produção de curtas-metragens, com o advento de um número cada vez maior de estruturas de produção e, da mesma forma, de festivais dedicados na totalidade ou em parte à curta-metragem e, ainda, a inclusão na grelha da RTP de um programa de televisão - o “Onda Curta” - apostando neste formato, contextualizaram o surgimento da Agência.

Durante a última década, a Agência ocupou um lugar activo e dinamizador, contribuindo para uma maior afirmação da curta-metragem portuguesa. Sobretudo neste aspecto em particular, tem vindo a assumir um papel de extrema importância, nomeadamente na projecção internacional dos filmes, tanto através da sua acção de promoção junto de festivais e de outros eventos de natureza similar, como através da organização de iniciativas e programas especiais retrospectivos. Trata-se de um trabalho assente numa forte componente de serviço público que garante o crescente interesse e prestígio das curtas portuguesas, apoiada na presença regular dos filmes em festivais internacionais e na obtenção de prémios e distinções. Assim, se a Agência surge no culminar de uma década que assistiu ao interesse e à reabilitação do formato - pelos motivos atrás enunciados, mas também, será justo dizê-lo, acompanhando uma tendência internacional -, a primeira década da sua existência poderá ser resumida como a da sua afirmação e visibilidade.

Entretanto, o catálogo de obras agenciadas

- abrangendo o documentário, a ficção, a animação e o experimental - é ampliado ano após ano, revelando a complexidade e a riqueza de estéticas e perspectivas de toda uma nova geração de realizadores portugueses.

Ao recapitular o contexto dos primeiros anos da Agência, não podemos deixar de aludir a uma das suas primeiras acções mais visíveis, a distribuição, no ano 2000, do programa e a edição da publicação “Geração Curtas”, espécie de compêndio da actividade da década de 90 - precisamente os anos que transformaram o nosso panorama audiovisual - inspirado numa “hipótese” formulada por Augusto M. Seabra, que o próprio actualiza nesta publicação. Nas suas palavras, “de certa maneira essa possibilidade cumpriu-se se pensarmos no conjunto de cineastas que, depois das curtas, prosseguiram obra no novo patamar da longa-metragem de ficção”. Hipóteses e interrogações à parte, nessa altura como agora, tratava-se de um olhar inaugural sobre um formato pouco popular contextualizando-o numa década.

Esses foram os primeiros anos da generalização do vídeo nas produções profissionais e, de facto, não existiam ainda obras relevantes nesse formato em Portugal, sendo nessa altura apenas examinada a produção em película. Dada a reduzida quantidade de produções do período em questão, foi possível apresentar, sem grande dificuldade, uma enumeração exaustiva da filmografia existente. Presentemente, isso já não seria praticável. A propagação do digital (que já há vários anos superou a película em termos de número de obras relevantes produzidas - para não falar do número total, em que a película se tornou residual) agilizou os meios de produção multiplicando a quantidade de filmes, o número crescente de escolas com cursos de audiovisuais, com o consequente aumento de profissionais na área, e do volume de filmes de escola produzidos. Acrescente-se o despontar da geração do it yourself, o aparecimento de uma série de novos festivais, concursos ou eventos em que a curta-metragem tem um papel importante, e torna-se óbvio concluir que tudo isso tornaria a tarefa de classificação e catalogação arriscada e, por consequência, pouco rigorosa.

Desta vez, sem proporcionar esse catálogo exaustivo, mas motivado pelo balanço de uma década de existência da Agência da Curta Metragem, pretende-se sobretudo realçar o papel desempenhado pelos filmes que fizeram parte

integrante desta breve história, pois é certo que são os filmes, sobretudo, que vão permanecer. Talvez não todos – pois na época em que vivemos as produções culturais tendem a ter um tempo de vida cada vez mais limitado – mas, seguramente, alguns deles.

Afirmar com exactidão essas obras dignas de relevo talvez seja ainda precoce, já que esta década só agora terminou, e é sabido que na análise de um período é sempre indispensável algum recuo para uma avaliação mais capaz.

Solicitamos, ainda assim, a contribuição de várias individualidades no sentido de fazer uma escolha perspicaz, mesmo sem a vantagem desse necessário distanciamento. Tratam-se de personalidades que, pela sua actividade e ligação ao cinema mais ou menos directa, acompanharam de perto a produção nacional da última década – quer pelo seguimento jornalístico de festivais, quer pela sua função de programador ou, apenas, na condição de observador atento. Essas escolhas, enumeradas através de respostas directas a um questionário (em que a última pergunta será possivelmente a mais ingrata e redutora: a indicação de uma única curta-metragem emblemática da década que cessou), forneceram algumas das principais pistas para esta publicação.

O questionário e respectivas respostas encontram-se publicados na íntegra no final deste livro. A primeira constatação que poderemos obter a partir da sua leitura é que as escolhas não surpreenderam. Em determinados casos foram mesmo reiteradas e reduplicadas, e só vêm confirmar as carreiras dos realizadores e o percurso dos filmes citados, já amplamente exibidos e recompensados em todo o mundo – casos das obras de Regina Pessoa, Miguel Gomes ou João Nicolau -, ou confirmando autores que apresentam uma vasta filmografia na curta, como Pedro Caldas. Mesmo os dois mais jovens deste lote de escolhas, e com uma obra ainda pouco extensa – Cláudia Varejão com “Um Dia Frio” e João Salaviza com “Areia” -, têm visto os seus filmes seleccionados e premiados em importantes festivais de cinema, sendo paradigmático o caso de Salaviza, por ter conquistado a Palma de Ouro de Cannes, galardão máximo jamais atribuído a um filme português e que ganha um simbolismo muito próprio neste contexto, por se tratar de uma curta-metragem. A propósito, ainda Augusto M. Seabra faz notar, nas páginas deste livro, que a presença nacional mais recente nos

principais festivais internacionais de cinema se tem feito através das curtas. Finalmente, estas escolhas também destacaram as obras recentes de João Pedro Rodrigues e Alberto Seixas Santos, talvez reafirmando de forma simbólica a constatação de Seabra de que “a curta-metragem deixou de ser considerada um estádio (ou um estágio) e uma propedêutica, para passar a ser considerado uma possibilidade, como a longa – ou, noutros termos, que houve a consagração da curta-metragem”.

Esta “short list” tem o seu quê de injusta, por ser necessariamente arbitrária e reduzida, pois o exercício passava mesmo por escolher apenas um filme. Muitos poderiam ser acrescentados, mas referindo apenas aqueles que são permanentemente citados nas respostas, permito-me adicionar os nomes de João Figueiras, Rodrigo Areias e Sandro Aguilár - curiosamente, todos com uma actividade notável na produção para além da realização - e ainda, no campo tão específico da animação, de José Miguel Ribeiro e Zepe.

Com base nestas nomeações demos voz, em discurso directo, a alguns desses criadores eleitos, sob a forma de entrevistas ou conversas, seja com pessoas familiarizadas com a missão por via do seu ofício – jornalistas e críticos de cinema -, seja com colegas de profissão onde alguma cumplicidade é evidente. A publicação destinou também um espaço a textos de crítica e de reflexão directa ou indirectamente inspirados no conteúdo dos inquéritos e das entrevistas mencionados, bem como à revelação de alguns dados estatísticos de uma década de actividade.

Quando a Agência da Curta Metragem se prepara para enfrentar uma nova década, pensar prospectivamente sobre quem serão os cineastas para os próximos dez anos parece ser, neste momento e por razões evidentes, um exercício difícil. Se é verdade, por um lado, que na sequência dos desenvolvimentos mais recentes, e aproveitando o que de melhor foi feito até aqui, poderíamos afirmar com grande segurança que os filmes de curta-metragem continuarão a contribuir, em grande medida, para a internacionalização e para o prestígio do cinema português, por outro lado surgem alguns sinais que parecem apontar num sentido inverso. Os dados conhecidos reflectem uma tendência para um investimento cada vez menor do Estado: o montante total destinado à produção e criação cinematográficas cifra-se,

hoje, em cerca de metade das verbas disponibilizadas em 2001, e a parte dirigida à curta-metragem não foge à regra. Num dos capítulos deste livro, Miguel Gomes realça o carácter premonitório do seu filme “31” e o facto de este ter sido apresentado em Vila do Conde no ano (2002) em que o júri decidiu não atribuir o prémio para o melhor filme português como um símbolo desse retrocesso. É uma boa metáfora, sem dúvida, mas não passa disso mesmo, e as verdadeiras razões excedem em muito essa curiosidade. Se tivermos presente que é esse o ano do célebre discurso da “tanga”, se levarmos em conta a quebra das receitas da taxa sobre a publicidade nas televisões ou a diminuição progressiva das participações do Orçamento de Estado, teremos um retrato mais preciso da situação. Os resultados obtidos por alguns filmes e o prestígio crescente de um punhado de realizadores são paradoxais e parecem, por vezes, contradizer a análise fria dos números, dando porventura a entender que é sempre possível fazer mais com menos. A realidade é bastante diferente e, como afirma Daniel Ribas neste livro, existe “uma necessidade imperiosa de o cinema português nunca baixar os níveis de produção e manter a máquina a rodar: assim o exige o frágil tecido empresarial que nasceu e cresceu nesta década e que tem sido importantíssimo para todo este movimento.” Essa mesma realidade demonstrou, num passado não tão distante, que a qualidade nasce – também – da quantidade, e, no fundo, o verdadeiro paradoxo consiste em haver cada vez mais pessoas qualificadas com possibilidades cada vez mais reduzidas de filmar. É, pois, uma tendência que urge inverter, para que daqui a uma década haja, de facto, algo mais a celebrar.